



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES  
CENTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL  
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO LETRAMENTOS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS  
FINAIS (6º AO 9º)

FRANCIJANE LIMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E  
APRENDIZAGEM NO CENTRO EDUCACIONAL AGROURBANO IPÊ.**

BRASÍLIA

2015

FRANCIJANE LIMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E  
APRENDIZAGEM NO CENTRO EDUCACIONAL AGROURBANO IPÊ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para a obtenção de título no curso  
de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Letramentos e  
Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º ao 9º)

Orientador: Profº Mestre Cristiano de Souza Calisto.

BRASÍLIA

2015

FRANCIJANE LIMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E  
APRENDIZAGEM NO CENTRO EDUCACIONAL AGROURBANO IPÊ.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares pela seguinte banca examinadora:

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

---

Ms. Cristiano de Souza Calisto

Dr. André Lúcio Bento – UNB/SEEDF

(Professor-Orientador)

(Examinador Interno)

---

Prof<sup>a</sup>. Mestre Olga Cristina Rocha de Freitas

(Examinadora Externa)

**Dedico esta produção a todos que acreditam que a educação pode ser transformada com atitudes positivas e significativas.**

## AGRADECIMENTOS

As trilhas sonoras que embalarão esta produção.

Ao Centro Educacional Agrourbano Ipê, por dar-me lições para ser uma professora com múltiplas visões.

Aos alunos e alunas do Agrourbano que foram os protagonistas desta pesquisa.

Aos professores Anderson, Leonardo, Ada, Maria e em especial à minha amiga Val pela inspiração e amor ofertados.

A gestão escolar do Agrourbano pelo acolhimento e informações prestadas.

As amigas que me acolheram com amor e carinho: Luzia, Iraci, Help e a inspiradora e empoderada, Mestre Lucimar.

As amigas que sempre acreditaram na epopéia da minha vida: Sol e Tati.

Aos meus irmãos pela companhia: Bobby e Paulinho.

A minha grande família que sinto saudade diária.

A Fernando pela imensa contribuição.

Ao meu orientador, Cristiano, pela confiança.

Ao ensino de História que me proporciona um leque de possibilidades.

Ao curso de Letramentos pelo despertar das visões.

A Deus pela existência e força.

*“Agradecer, ter o que agradecer”*

**Maria Bethânia**

*Só há um meio eficaz de assegurar a defesa permanente do patrimônio  
de arte e de história do país: é o da educação popular.*

**Rodrigo Melo Franco de Andrade**

## **RESUMO**

O presente trabalho teve por objetivo enfatizar a questão sobre a importância da Educação Patrimonial enquanto uma forma de letramento no ensino de História. A pesquisa foi realizada no Centro Educacional Agrourbano Ipê, situado no Combinado Agrourbano de Brasília I. Por desenvolver uma metodologia que reconhece o papel social do estudante, além de torná-lo autônomo na construção do conhecimento, a escola dissemina na comunidade local, propostas no tocante à importância da mesma em se reconhecer como sujeitos construtores de sua história. Foram utilizadas entrevistas com alunos e professores do Ensino Médio e observações feitas em projetos realizados pela instituição que seguem a proposta do Projeto Político Pedagógico, sensíveis ao abordar temas que fazem referência à cultura de seus estudantes, visto que não se distancia da pedagogia de multiletramentos incentivada pela formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel social.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial – História – aprendizagem

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA LOCAL.....	13
2.2 LETRAMENTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	15
2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: uma proposta significativa no ensino de história .....	20
3. CONTEXTO DA PESQUISA.....	24
3.1 ELEMENTOS HISTÓRICOS DO CAUB I .....	24
3.2 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO DO CAUB I .....	27
3.3 O CEDAGROURBANO: contexto histórico .....	29
3.4 CONHECENDO A ESCOLA: localização e dados escolares.....	31
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	38
4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS PROFESSORES.....	38
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS ALUNOS (AS).....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE .....	48



## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada Educação Patrimonial: memória, identidade e aprendizagem no Centro Educacional Agroubano Ipê, foi uma ideia que surgiu no ano de 2013, quando fui agraciada para lecionar na referida instituição.

O interesse partiu da observação e participação no Projeto: Cidadania, Cultura e Trabalho, no qual fiz parte como mediadora dos alunos do 1º ano do Ensino Médio. A pedagogia de projetos é muito presente na escola, pois valoriza a cultura local, com ênfase na preservação do patrimônio histórico e ambiental que se encontra nas imediações do colégio localizado no CAUB-I (COMBINADO AGROURBANO DE BRASÍLIA I), Riacho Fundo II – DF.

Por meio do projeto, pude observar que a metodologia de educação patrimonial é bastante valorizada, uma vez que a escola dissemina na comunidade local, propostas no tocante à importância da mesma em se reconhecer como sujeitos construtores de sua história, visão esta, presente na Educação Patrimonial, pois os espaços são utilizados de modo que os estudantes reconheçam a importância da valorização da sua história.

Esse destaque dado a questões de valorização de patrimônios é algo significativo, pois ela está encravada no centro comunitário, tornando-se ponto principal de referência social para os moradores que aproveitam o espaço desde sua criação, além do mais, é um lugar que reverbera o saber.

Dentro desta perspectiva, elaborou-se um levantamento de dados que apresentou a contribuição (com dados efetivos, documentados, materializados) desses projetos, registrados com números de rendimentos na aprendizagem, em que os discentes podem estabelecer uma conexão entre os conteúdos curriculares e a prática expositiva constante dos projetos, construindo novos significados e novas leituras. A pesquisa qualitativa contou com instrumentos como questionários, respondidos por professores e alunos do 3º ano do Ensino Médio, assim a análise interpretativa de caráter subjetivo teve uma preocupação com o contexto pelo qual foi aplicado, levou-se em consideração aspectos como a relação dos alunos. Por serem eles que acompanham os projetos desde o ensino fundamental; entretanto, ganham mais destaque, no primeiro ano do EM, pois a instituição participa do Projeto Ensino Médio Inovador. Conforme previsto no PPP da escola (2015, p.48) “o programa propõe apoio para promover inovações pedagógicas das escolas públicas, com o objetivo de criar meios para mudanças na organização curricular no ensino médio. Além disso, deve haver atividades integrantes aos eixos: trabalho, cultura, ciência e tecnologia.”

Considerando-se isso, personagens de diversas áreas da comunidade escolar foram entrevistados abordando questões pertinentes ao desenvolvimento dos projetos, metodologia utilizada, relação da escola, da comunidade com os objetos de estudo, bem como, a construção da representação e significação desses lugares com os laços de afetividade ou o seu desapego.

Um trabalho que evidencia a preservação da memória deve ser contemplado no currículo, que segundo Delgado (2006, p.38) “analisa que a memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa ou como membro de uma comunidade.” Entrementes, os projetos do CED-AGROURBANO, seguem a proposta do Projeto Político Pedagógico, sensíveis ao abordar temas que fazem referência à cultura de seus estudantes, visto que não se distancia da pedagogia de multiletramentos incentivada pela formação de cidadãos críticos e autônomos de suas próprias aprendizagens, contribui para que reflitam sua própria cultura, e a partir daí, possam conhecê-la e respeitar, de fato, a própria realidade, lembrando o ensinamento de Paulo Freire (1996) “é preciso conhecer a realidade para poder transformá-la.”

Partindo dessa premissa, o objeto da pesquisa referencia a metodologia de Educação Patrimonial desenvolvido pela escola como forma de Letramento, pois foi perceptível que os estudos fizeram sentidos para a vida dos estudantes. Concernente ao primeiro momento da escrita, produzi um registro teórico embasado na discussão versando sobre a importância da preservação da memória a partir da valorização do espaço social, considerando o que prega Delgado (2006, p.61) “essa preservação é inerente ao sujeito por ser ele um ser social por natureza, assim é papel primordial da escola apresentar instrumentos para que os sujeitos se reconheçam com suas experiências de vida.” Ainda nesse bloco, reflito e discorro sobre a importância do letramento no ensino de História, cuja disciplina leciono, voltado para questões patrimoniais, visando o empoderamento do patrimônio local.

No segundo momento, fiz um levantamento de informações sobre o contexto histórico da comunidade do Combinado Agroubano de Brasília I (CAUB I), com referência para localização, população e atividades sócio-econômicas. Ainda neste, falar-se-á sobre a constituição histórica do CED-AGROURBANO e sua influência na e para comunidade, uma vez observada a importância, durante as entrevistas, que as pessoas atribuem à escola, ao valor afetivo que demonstram pelo ambiente escolar, transformando o lugar em um espaço de memória e construção de identidades. Yu-Fu Tuan (1983) preconiza que “o lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência.” Desta forma,

quando há apego pelo lugar, criam-se vínculos e referenciais que auxiliam na concepção de elementos identificadores do lugar onde se vive.

Nesse contexto, todo conhecimento é de suma importância para dar visibilidade a tais aspectos que constituem a história e memória desta comunidade, criando oportunidades de outros mecanismos de ensinamentos, sejam visuais, como a preservação da fauna e flora locais; ou textuais, explorando o compreender melhor da história de seu povo, de seus costumes, tornando-os sujeitos pertencentes à região em que vive, pois o amor pelo lugar é o que faz o homem criar vínculos com o mundo que o rodeia e, para que esse amor aconteça é necessário reconhecer a importância do espaço social que ocupa determinando a formação de sua identidade. Para Yi-Fu Tuan (1982, p.143) “deve haver um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Assim, o homem cria vínculo com o lugar que ocupa, estabelece uma identidade com o lugar.”

Recentemente a proposta de levar discussões sobre Educação Patrimonial para as escolas ganha ressonância, pois há uma preocupação na divulgação de ações educativas que objetivem na preservação e valorização dos espaços ocupados, assim defendem Figueira e Gioia (2012, p.10) “seu objetivo é despertar nos alunos a curiosidade e o interesse em conhecer a diversidade dos bens culturais. Essa proposta se apresenta como um leque de possibilidades, não apenas para o ensino de História, mas como para outras disciplinas, que integradas, poderão estabelecer objetivos que visem uma melhor aprendizagem para seus alunos.”

O letramento no ensino nessa área do conhecimento é, ainda, um desafio para professores, pois muitos ainda se embasam na teoria de que a leitura e escrita cabem apenas aos professores de Língua Portuguesa, visto que tais práticas é algo inerente ao ser humano. Em contrapartida, o professor de História, tem em seu currículo uma gama de textos, sejam visuais ou escritos que podem ser utilizados como recursos para o ensino da referida pasta.

Com a diversidade de textos, os estudantes têm a oportunidade de confrontar e inferir os acontecimentos históricos, cabendo, aqui, a mediação do professor com o intuito de situá-los nos aspectos de temporalidade e espacialidade. Isto é, eles devem ser orientados sobre os diferentes aspectos de leituras contidos nos mais diversos textos; além de recorrer aos conhecimentos prévios que já carregam, assegurando-lhes oportunidades de ampliação e contextualização em sua vivência na sociedade. Isso nos remete a Santos (2008, p.02) “espera-se que os alunos leiam, compreendam os significados dos textos apresentados e deles extraíam informações.” Implícita nessa ação pedagógica está à concepção de que, ao lerem os

textos, estarão eles adquirindo as habilidades e competências necessárias ao entendimento desses textos e de documentos de História. Com tais recursos, os aprendizes adquirem maneiras e hábitos para leitura e escrita, implementando entendimentos para ler sua realidade e o mundo que o cerca.

Assim, os projetos desenvolvidos na escola destacam a questão da valorização da identidade local e patrimônios, propiciando visibilidade para a proteção da área natural presente na região, cuja principal proposta é construir aprendizagens mediante esforços e interesses de todos os envolvidos.

Cada passo dado pela educação, professores, alunos e comunidade local, buscam inovar suas metodologias, buscando o desenvolver de uma prática motivadora e transformadora.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA LOCAL

*A memória é o escriba da alma*  
**Aristóteles**

O CEDAGROURBANO e o CAUB I – Combinado Agrourbano de Brasília – se constituem enquanto lugar de memória e identidade; pois lá se trabalha projetos de valorização do espaço ocupado pela comunidade, incluindo sua preservação enquanto patrimônio ambiental e histórico. Nessa perspectiva, Hack (2003, p.37) diz que “a busca pela preservação da memória é essencial para a valorização da identidade e da cidadania cultural de um lugar e tempo, a fim de que o passado sirva ao presente e o futuro”.

Já, Le Goff (1996, p.476) valoriza a importância memorial na construção da identidade, evidencia também, a preservação da memória coletiva como uma “conquista, um instrumento e um objeto de poder”, assim, quando a comunidade agrega valores à sua história, admite-se a reflexão de que a preservação dos valores sócio-culturais presentes na sociedade se faz com empoderamento, com a participação conjunta, pois se trata de uma memória construída coletivamente, visto que

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1996, p.477)

A instituição está ligada à história do lugar, assim como a construção da primeira chácara, ou do primeiro lote residencial para ser ocupado por uma grande família ou famílias. A partir da escola, os moradores do CAUB I passaram a sentir o lugar. Segundo Tuan (1983, p.250) “sentir um lugar se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos”. Assim, para essa perpetuação do sentimento, faz-se necessário o respeito e preservação à memória individual e coletiva da comunidade, porque segundo Michael Pollak (1992),

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992)

Deste modo, o papel da escola é promover à conscientização e formação de docentes autônomos, capazes de enxergar que a valorização do seu local social partirá do sentimento de pertencimento, dos laços de apego pelo lugar. Diante deste quadro, Barbosa nos permite refletir que,

A afeição, familiaridade e intimidade com estes lugares e símbolos dão a sensação de serem pertencentes ao lugar e de que esse lugar lhes pertence. A consciência do passado torna-se um elemento importante no amor pelo lugar. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade em que os símbolos expressam valores e, a partir disso, criam uma memória comum voltada para a simbologia, enaltecendo e classificando-a como o melhor lugar para se viver. (2008, p.7)

Além disto, devem-se construir laços afetivos para que as memórias não se percam, uma vez que são referências para a formação da identidade.

A identidade não é algo dado, não é uma fórmula pronta, mas algo em dinâmica, além de não ser unívoca, mas recheada de múltiplos elementos que a constitui. Conforme Delgado

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. (2006, p.51)

Assim como ocorrem mudanças nos ambientes, o ser humano também muda e cria elementos para se adaptar, preservando em sua memória aqueles que são essenciais para sua relação com outros grupos sociais, uma vez que, “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”. (HALBWACHS, 1990, p.60).

Perante essa construção de espaços de memória, cabe destacar o papel importante de acrescentar no currículo escolar a temática de história local, uma vez que esta valoriza a multiplicidade das histórias de indivíduos comuns, além disto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) destacam a importância dos professores respeitarem a bagagem intelectual e as experiências sociais que os estudantes trazem para a escola. Mister se faz destacar que o ensino de história local permite ao aluno enxergar-se como parte integrante de sua história, visto que,

A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia. (PCN'S, 1998, p.40)

Schmidt e Cainelli versam que,

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com

base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Além do mais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica. (2009, p.140)

Enquanto isso, Giroux e Simon (1994, p.99), destacam que esse tipo de trabalho fornece aos discentes estudos mais notáveis sobre “narrativas, histórias locais e memórias que foram excluídas e marginalizadas nas interpretações dominantes da história”. Além de tornar perceptível o valor que a história de sua comunidade representa para uma história mais ampla. Com tais características, a temática de história local não deve apenas complementar os conteúdos de história, mas ser trabalhada consoante a realidade dos educandos, observando aos arredores todo objeto que se torne fonte para a construção da história.

Todo conhecimento é válido, desde que não seja imposto, mas refletido e reconstruído. Assim, Fonseca relata que

O conhecimento histórico não está pronto, acabado, não é verdade absoluta, mas construção temporal, parcial seletiva, incompleta, que possibilita múltiplas leituras e interpretações. Logo professores e alunos participam do trabalho de leituras e escritas, investigação e crítica. São também construtores de conhecimentos. (2009, p.7)

Daí a prática pedagógica deve ser vista como um desafio a ser enfrentado conjuntamente, vislumbrando a construção do saber nos seus mais variados aspectos. Para que isso de fato ocorra, é necessário que professores e alunos estabeleçam laços que valorizem a história como parte inerente da vida dos sujeitos que a constrói.

## 2.2 LETRAMENTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

*Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*  
**Paulo Freire**

Quando os sujeitos envolvidos no processo educativo traçam ações em seu planejamento com objetivos claros e flexíveis, oferecendo importância ao conhecimento que o aluno possui e ao contexto que está inserido, ocorre na prática a ideia de Matencio,

A função primeira (e esperada) da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendessem, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de

conhecimentos, assim como a de possibilitar que os alunos atuassem criticamente em seu espaço social. (1994, p.15)

Visto assim, o Centro Educacional Agroubano Ipê, oferece a seu alunado a oportunidade de enxergar, ao seu redor, elementos de sua cultura e da realidade que o cerca. Com essa prática, eles se sentem pertencentes ao universo que os cercam, oportunizando transformá-lo para melhor conviver uns com os outros.



Foto 1: Visita à Mesa JK, situada na ARIE Granja do Ipê  
Fonte: arquivo pessoal  
Data: 23/09/2013

As transformações na educação são visíveis, melhoramos muito, mas ainda temos fatores que precisam de atenção. O ambiente escolar é propício para incutir nos estudantes a valorização de sua cultura, para que socializem seus anseios e se insiram no contexto da diversidade cultural. Nesta perspectiva, Sampaio nos permite refletir que para

Conceber a educação como um processo móvel e dinâmico, implica em educar com o intuito de promover condições para o educando expressar suas visões de mundo, ideias críticas, reflexões autônoma e pertinentes ao contexto sócio-histórico, preparando-se para o enfrentamento das diversidades que se deparará ao longo da vida, sentido-se capaz de construir suas identidades e seus próprios discursos na turbulência do nosso dia-a-dia. (2008, p.8)



A citação acima força-nos a refletir o papel social da escola, de modo que se articulem os saberes escolares com as experiências de nossos educandos. Tanto que Penteado (1998, p.60) alega que “é chegada à hora de uma abordagem pedagógica que busque entrecruzamento entre a escola e a vida, pelas possibilidades didáticas de aquisição do saber sistematizado, vinculando-se à realidade social”.

Entretanto, quando se trata do ensino de história temos que parar e refletir, sobre o que estamos ensinando, de que forma estamos transpondo didaticamente para nossos alunos o conhecimento de que eles necessitam. No PCN (1997, p.33), “o ensino de história envolve relações e compromissos com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive”. A diversidade por si mesma nos permite refletir que a história não é uma disciplina isolada, ou que não há estudos isolados, mas um conjunto de práticas integradas na e para construção da cidadania.

Um dos desafios para muitos professores, nesse contexto escolar, é fazer com que nossos alunos estabeleçam relações entre seu contexto social com o global, fazê-los enxergar que a sociedade local faz parte da história global, e que estes construam noções de temporalidades e espacialidades que contemplem a história de sua comunidade e dos diversos grupos sociais, considerando-se que para acontecer este processo será necessário que,

A escola passe, a ser vista, então, como um espaço institucional em que convivem indivíduos provenientes de diferentes comunidades, e por isso detentores de práticas discursivas e sociais diversificadas, que não são unicamente aquelas das classes dominantes: todo processo de aquisição de linguagem, que inclui o acesso aos textos escritos em sociedades como as nossas, é compreendido como parte do processo de socialização. (MATENCIO, 1994, p.20)

É explícito que a escola necessita ofertar condições para que seus alunos reconheçam a diversidade e passe a conviver com ela, de modo que se criem espaços de respeito, pois eles ocupam ambientes diferentes na sociedade, convivem com práticas e discursos que, se trabalhados de modo sensível, podem agregar valores. Nesse sentido, Sampaio (2008, p.13) explica que “devemos ultrapassar os muros da escola e pensar a educação, como um processo que preencha as necessidades do momento sócio-histórico, em que os alunos estão inseridos, colocando-os diante de questões que lhe sirvam na prática e retratem a realidade”.

Quando educadores preocupam-se em ensinar temáticas dos interesses dos alunos, o ensino de História torna-se prazeroso, transcendendo o simples ato de transferir saber, torna-se um ato significativo. De acordo com Schmidt e Cainelli (2009, p.34) “ensinar história

passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo”. Tal construção tende a se relacionar à dinâmica do professor em sala de aula, ou seja, como se dá a metodologia do professor e que tipos de textos, materiais didáticos são utilizados para que os alunos consigam criar condições de aprendizagem.

Além desse fator, Soares (2003) tipifica que “o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de freqüentar revistarias, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita”.

É recorrente para nós, professores de história, nos indagamos sobre tais questões, uma vez que nos assombra o fato de nossos alunos não conseguirem interpretar, ou mesmo ler certos tipos de documentos históricos; sejam mapas, fotografias, imagens, cartas, etc. Ao professor, cabe evidenciar a importância de tais textos para a formação intelectual dos alunos, desafiá-los com leituras diversas. Nesta perspectiva Rojo (2013) enfatiza que, “a ideia é que a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas”.

O letramento no ensino de história ainda é um desafio, pois muitos ainda se embasam na teoria de que a leitura e escrita cabe apenas a professores de Língua Portuguesa, visto que tais práticas é algo inerente ao ser humano. Para Soares (2003) cada professor, portanto, é responsável pelo letramento em sua área. Assim,

Não adianta simplesmente letrar quem não tem o que ler nem o que escrever. Precisamos dar as possibilidades de letramento. Isso é importante, inclusive, para a criação do sentimento de cidadania nos alunos. (SOARES, 2003)

O professor de história tem em seu currículo uma gama de textos, sejam visuais ou escritos que podem ser utilizados como recursos para o ensino de história. Com a diversidade de textos os educandos têm a oportunidade de confrontar e inferir os acontecimentos históricos, e nesse ponto cabe a mediação do regente, para situá-los quanto a aspectos de temporalidade e espacialidade.

Ou seja, o professor deve orientar seu aluno sobre os diferentes aspectos de leituras nos mais diversos textos, além de recorrer aos conhecimentos prévios que os alunos já carregam, dando-lhes oportunidades para que suas leituras tenham sentidos e significados em sua vivência na sociedade. Colocado assim, Santos preconiza,

Espera-se que os alunos leiam, compreendam os significados dos textos apresentados e deles extraíam informações. Implícita nessa ação pedagógica

está à concepção de que, ao lerem os textos, os alunos estarão aos poucos adquirindo as habilidades e competências necessárias ao entendimento desses textos e de documentos de História. (2008, p.2)

Tais recursos permitem ao estudante a aquisição de habilidades na leitura e escrita, construindo capacidades para ler sua realidade e o mundo que o cerca. Com isto Bortone (2014, p.42) enfatiza que o “letramento é, portanto, um conceito associado à condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a leitura e a escrita em seu dia-a-dia”.

Paulo Freire (1988) também relata que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, desse modo, para que o ensino de história ganhe significados para a vida do estudante, faz-se necessário a adoção de práticas que valorizem a leitura e a escrita, e, para que isso ocorra, devemos relacionar os conteúdos à realidade, possibilitando aos alunos confrontar e ampliar suas leituras de mundo, e que possam sentir-se parte integrante da história. De acordo com Soares (2003), “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

O que acontece, corriqueiramente, é uma reprodução de falas prontas, e um dos papéis do letramento<sup>1</sup> em História é justamente tornar acessível à multiplicidade dos textos escritos e não escritos, no intuito de provocar a reflexão de que a construção de um texto é carregada de significados e intenções, desta forma, deve-se conduzir uma investigação voltada para a desconfiança nas informações. Segundo Santos

As aulas de História, no Ensino Médio, não têm como objetivo formar historiadores profissionais, como parece esquecer alguns professores, mas visam a ajudar em uma formação que, no mínimo, contribua para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para lidar, de forma crítica, com o grande número de informações que circulam pelos mais variados suportes: Internet, programas televisivos, rádio, jornais, revistas, charges, músicas, poesias, pinturas, fotografias etc. (2008, p.5)

Sob esse ponto de vista, o professor deve articular os temas a serem trabalhados conforme a realidade a que seus alunos estão inseridos. Este trabalho de respeito à diversidade e realidade é abordado no CED-AGROURBANO, pois a escola fornece as discussões para os alunos e estes as recebem e põem em prática, na metodologia utilizada, desenvolvem-se nas competências e habilidades, estas citadas por Santos (2008), sendo ofertadas inúmeras

---

<sup>1</sup> Refere-se à condição ou estado daquele que aprende a ler e escrever. Além disso, o termo engloba a inserção do indivíduo letrado nas práticas sociais de leitura, tendo como efeito consequências sociais, políticas, econômicas, cognitivas e culturais (SOARES, 1998).

informações, nas quais eles se apropriam e confrontam os conhecimentos, ampliando suas leituras e não apenas decodificando o saber.

Paulo Freire (1988) diz que “a leitura liberta no sentido de proporcionar meios para não deixar-se subjugar pelas impossibilidades que a sociedade apresenta, mas fazer do saber histórico uma prática consciente”. Assim, devemos buscar transformar nossa prática em algo significativo, tanto para nós, professores, quanto para nossos alunos, que se apropriarão do conhecimento tornando-o uma prática cotidiana.

### **2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: uma proposta significativa no ensino de história**

*Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca estão realizando uma ação educativa.*

**IPHAN**

O estudo sobre Educação Patrimonial ainda é algo em construção, mas que se faz necessário abrir discussões no ambiente escolar, vez que a escola oferece um conjunto de aprendizagens voltadas para a formação de cidadãos críticos e construtores de sua própria história, além de oferecer múltiplas possibilidades que instigam sua clientela pensar a sociedade com suas complexidades e diversidade.

É possível, através da premissa da Educação Patrimonial, desenvolver novas estratégias de aprendizagem, partindo-se do contexto social que estamos inseridos, sendo esta uma proposta que acrescenta relevante interesse no processo de ensino aprendizagem, pois

É um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao individuo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização de sua cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (TEIXEIRA, 2008, p.199)

Nesse processo encontraremos determinados elementos que constituem o fazer pedagógico, pois a metodologia de Educação Patrimonial possibilita-nos adentrar em um universo repleto de informações e realidades que instigam nossos alunos a construir e questionar sua própria história, percebendo que sua inserção na sociedade faz parte do processo de construção de seu conhecimento.

À medida em que se compreendem os elementos culturais ao seu redor como inerentes à construção de sua identidade, os aprendizes sentir-se-ão pertencentes ao mundo que os rodeia.

Esta prática permite que sejam capazes de “valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como elemento de fortalecimento da democracia” (BRASIL, 199, p.41).

Relacionar o passado à realidade é uma prática de cidadania vista no ensino de História, e a Educação Patrimonial como método amplo de ensino, encaminha os estudantes e professores à observação e à apropriação do conhecimento, por meio de diversas leituras e discussões em que o ambiente escolar nos proporciona, pois este espaço é constituído de múltiplos letramentos, e não podem se restringem apenas à escrita ou à leitura, mas permeiam todo o processo das práticas sociais presentes em nosso cotidiano; entretanto as nossas escolas ratificam um modelo que persiste em aprisionar os sentidos do letramento voltados para a escrita e leitura ou apropriação das palavras. Visto isto, Kleiman nos direciona a refletir,

Que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, práticas sociais, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo geralmente de aquisição de código (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (1995, p.20)

Pensando assim, entenderemos que os letramentos não se constituem apenas na ação de saber ler e escrever, mas da percepção que o outro insere o mundo em seu contexto. A Educação Patrimonial proporciona mais um elemento como prática de letramento, uma vez que oferece condições para que os sujeitos percebam ao seu redor os espaços sociais que os cercam, conforme as autoras Figueira e Gioia defendem que a

Educação Patrimonial tem o papel de conscientizar nossos aprendizes da responsabilidade de cada um pelo bem geral, no lugar onde vive e na sociedade como um todo. E que o ensino de história deve proporcionar situações didáticas que permitam aos aprendizes conhecer os bens culturais, a fim de poderem compreender e valorizar aquilo que é comum a determinado grupo social. (2012, p.07-08)

Dito isso, faz-se necessário que o professor também tenha a consciência e reconheça os diversos espaços sociais como fonte de saber, criando possibilidades para construir um ensino dinâmico que se utilize de todos os espaços oferecidos pela comunidade onde o aluno está inserido, pois ao “diversificar as fontes e dinamizar a prática de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica” (FONSECA, 2003, p.37).



Foto 2: Medições e anotações sobre as condições físicas da Mesa JK.

Fonte: Arquivo pessoal

Data: 13/09/2013

Tendo em vista a necessidade de trabalhar a metodologia de Educação Patrimonial no contexto escolar, observamos a relevância desta, como forma de permitir ao aluno um reconhecimento do lugar social, assim, torna-se responsável pela preservação do patrimônio ao qual faz parte, pois se apropria de práticas de preservação e valoriza sua história como elemento da construção de sua identidade, pois segundo Delgado (2006, p.51) “a construção de identidades é também uma dinâmica através da qual a identificação das similitudes e a afirmação das diferenças situam o ser humano em relação aos grupos sociais que o cercam”. Ainda em Delgado (2006, p.51) “o ser humano tem múltiplas raízes e sua vida é uma totalidade, que se encontra com a complexa estrutura social”, neste ponto, quando o sujeito guarda em sua memória os elementos constituintes de sua identidade, está guardando, também, a possibilidade de transmissão para as futuras gerações, pois sua memória é parte essencial no seu processo de cidadania, aqui, dialoga com Horta:

Consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresas e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na

necessidade do passado, para compreendermos melhor o presente e projetarmos o futuro. (1999, p.03)

Com base nessa argumentação percebemos que a construção de uma aprendizagem significativa transcende o espaço sala de aula, pois a escola pode oferecer elementos para que os alunos percebam que a comunidade faz parte do objeto de estudo, e devem se apropriar disso, podendo transformá-lo num ambiente onde o coletivo ganha corpo e vida e, juntos, podem utilizar-se dos espaços culturais que os cercam, pois na medida em que reconhecem o patrimônio local, passam a preservá-lo.

Essa a premissa em introduzir noções sobre preservação e reconhecimento de um patrimônio, e suas classificações, tende partir do sujeito que o observa, podendo reconhecer no seu local social, elementos que o tornam parte integrante da história contada, construindo assim, sentimentos de pertencimento.

No tocante à escola, como instituição formadora tem o papel, de esclarecer alguns conceitos e guiar seu alunado ao objeto, demonstrando a importância deste para a construção de sua história, mas a sensibilidade de se enxergar enquanto sujeito construtor partirá de sua subjetividade.

### 3. CONTEXTO DA PESQUISA

A coleta dos dados foi feita no Centro Educacional Agroubano Ipê, situado no Combinado Agroubano de Brasília I (CAUB I), no Riacho Fundo II – DF. A turma escolhida foi o 3º ano do ensino médio, por ter participado de projetos desde o início. Foram 25 alunos entrevistados de 16 a 18 anos de idade, pois a escola dispõe apenas de um 3º ano. A maioria deles reside na comunidade.

No que tange aos docentes, apenas cinco responderam ao questionário, quais sejam: Valdete Francisca (artes), Anderson (sociologia e filosofia), Leonardo (biologia), Ada (matemática) e Maria (atividades), destes, somente dois residem no local. O roteiro de entrevistas continha quinze questões, divididas em perguntas objetivas (09) e (06) de caráter subjetivo.

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois analisa a relação da realidade com o objeto, ou seja, oferece um olhar sobre a Educação Patrimonial com oportunidade de Letramento no ensino de história. Nesse sentido “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHARDT e SILVEIRA: 2009, p. 31)

A escolha desta comunidade para o presente estudo partiu da observação feita no lugar, nas relações das pessoas com o Combinado Agroubano de Brasília I, com o cuidado que o CED-AGROURBANO atribui às referências culturais de seus alunos.

#### 3.1 ELEMENTOS HISTÓRICOS DO CAUB I

*Talvez mostrando as pessoas eu possa ser mais fiel ao lugar e à época.*  
**Aldir Blanc, 1996**

A história de um lugar é referência para comunidade e influência para outras histórias. Quando a população tem consciência da importância de sua história é porque ela tem uma identificação com o lugar que ocupa.

O CAUB I é um lugar com características peculiares, repleto de verdes matas, córregos, chácaras, nordestinos, mineiros, goianos, brasilienses. A natureza e as ações humanas se misturam. Há uma adequação do espaço, sentimentos de amor e preocupação com o lugar.





Foto 3: Atividade Pedagógica – Vaca na Vila

Fonte: [http://agrourbanosustentavel.blogspot.com.br/2015\\_06\\_01\\_archive.html](http://agrourbanosustentavel.blogspot.com.br/2015_06_01_archive.html)

Acessado em: 01/11/2015

Conforme dados da pesquisa “História do Combinado Agrourbano de Brasília I”, realizada pelas moradoras Gedilene Lustosa<sup>2</sup> e Jaqueline A. M. Rodrigues, em um jornal de 1995 produzido pelo CED-AGROURBANO. A história do CAUB I tem início em 28 de outubro de 1986, a partir de um projeto de Reforma Agrária<sup>3</sup>, idealizado pelo secretário de agricultura da época, Leone Teixeira e pelo Governador José Aparecido, onde foi distribuído entre 100 famílias selecionadas e cadastradas, um lote de 1000m<sup>2</sup> para a formação de uma pequena vila e uma chácara de seis (06) hectares na periferia da vila, onde os moradores do

---

<sup>2</sup> Filha de agricultores fundadores do CAUB. Junto à família e outros moradores da comunidade, realizou um trabalho para catar raízes das árvores do Cerrado, de modo que contribuiu para a constituição do lugar. Moradora do CAUB I há 29 anos. Formada em Pedagogia e Especializada em Coordenação Pedagógica para Ensino Médio. Hoje, Supervisora Pedagógica do CEDAGROURBANO. A militância desta pedagoga perpassa os muros da escola, uma vez que a mesma realiza um trabalho voltado para a preservação dos espaços históricos e ambientais nas imediações da escola, a mesma administra um blog intitulado Agrourbano Sustentável (<http://agrourbanosustentavel.blogspot.com.br>) oferecendo visibilidade para que as pessoas conheçam o trabalho que a escola realiza há décadas.

<sup>3</sup> A Reforma agrária é o conjunto de medidas para promover a melhor distribuição da terra mediante modificações no regime de posse e uso, a fim de atender aos princípios de **justiça social, desenvolvimento rural sustentável e aumento de produção** (Estatuto da Terra - Lei nº 4504/64). Disponível em: <http://www.incra.gov.br/reformaagraria> Acesso em: 24/09/2015.

lote produziriam na terra. Assinaram um contrato válido por 15 anos para ocupação das terras. Diante do fracasso nas produções iniciais, que objetivava o plantio de frutas cítricas, as famílias migraram para o cultivo de frutas e verduras. E, hoje, são vendidas nas localidades próximas, bem como, destinadas à escola local. Segundo Dourado atualmente,

Os produtos mais cultivados são: a abobrinha, a alface, a banana, a cenoura, o cheiro-verde, a couve, o jiló, o milho, a pimenta de biquinho, o quiabo, o tomate e a uva (somente um produtor), como o CAUB I é caracterizado por pequenas propriedades, a grande maioria dos agricultores produzem dois ou mais tipos de alimentos para facilitar a própria subsistência e diversificar a produção para desse modo correr menos riscos financeiros. (2011, p.9)

De acordo com algumas entrevistas e conversas informais com moradores da vila, houve um crescimento irregular dos lotes, descaracterizando o projeto inicial, fato que se deu devido a interesses imobiliários.

No momento atual, a preocupação da população é com a especulação imobiliária, uma vez que há uma extensão de terras “sem uso” humano, mas que devem ser preservadas, pois são áreas características de cerrado, contendo plantas típicas e animais. A região é de grande importância para o Distrito Federal, por apresentar um espaço considerável, matas, córregos, espécies de animais em extinção, sítios arqueológicos, e uma estrutura de concreto feita dentro da mata, a Mesa JK, que serviu de ponto de encontro para o presidente Juscelino Kubistchek.

Diante dessa preocupação o CED-AGROURBANO realizou no dia 21 de setembro do corrente ano o lançamento de bombas de sementes na Área de Relevante Interesse Ecológico da Granja do Ipê (ARIE).



Foto 4: Convite de Lançamento de bombas de semente

Disponível em: [http://agrourbanosustentavel.blogspot.com.br/2015/09/blog-post\\_15.html](http://agrourbanosustentavel.blogspot.com.br/2015/09/blog-post_15.html)

Acesso: 01/11/2015

A intenção é que os estudantes valorizem e demonstrem a importância desta terra para as demais pessoas, e que autoridades governamentais tenham interesse em tornar o local preservado, não permitindo o seu mau uso. Esse projeto é de preocupação da escola, que atua com a realidade de sua clientela. De acordo com a instituição, o reconhecimento e delimitação da ARIE aconteceram com um decreto sancionado pelo Governador Cristovam Buarque, em 1998.

### 3.2 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO DO CAUB I

O CAUB I situa-se numa área rural do Riacho Fundo II, nas proximidades da Região Administrativa do Gama, entre as BR 040 e BR 060, distanciando 35 km do Centro da Capital Federal. A comunidade não apresenta dados numéricos sobre a população.



Foto 5: Foto de Satélite do Caub I

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/CaubI> - Acessado em: 24/09/2015

Pelos dados do Guia CAUB I<sup>4</sup>, elaborado pelo corpo docente e discente do CED-AGROURBANO em 2010, a comunidade conta com uma estrutura física urbana composta de uma Igreja Evangélica e outra Católica, uma quadra esportiva, um parquinho, uma quadra de areia, uma escola, um posto de saúde, Centro Comunitário, três galpões com atividade de papel reciclado, marchetaria e de costura. A quadra de esporte foi coberta recentemente e a

<sup>4</sup> Guia Caub I. Quem Somos? De onde viemos? Para onde vamos? CEF AGROURBANO – Riacho Fundo II – Brasília – DF, 2010. Disponível na Biblioteca da escola.

comunidade escolar, por não dispor de uma quadra, utiliza a da comunidade. Questão que pode ser refletida, pois expõe os alunos ao contato com outras pessoas em horário letivo. O Centro Comunitário ganhou uma reforma. Ao certo, não se sabe o número de residentes na comunidade, que devido à referência do lugar, muitas pessoas migraram de outros locais para ocupar espaços no CAUB I, devido ao aumento de alugueis disponíveis.

Sua área rural dispõe de várias chácaras, onde os proprietários cultivam verduras e frutas. Ainda é comum o plantio de hortaliças na comunidade, outra geração de renda. A região dispõe de uma Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE Granja do Ipê), Sítios Arqueológicos, a Mesa JK, nascentes (Córrego Capão Preto), matas, elementos da natureza merecedores de atenção das autoridades e dos moradores quanto à preservação da fauna e flora local. Nessas áreas são praticados esportes, como corrida de MotoCross, trilhas, passeios de bicicletas, banhos nas nascentes. Em contrapartida, alguns espaços são mal utilizados, pois a presença de lixo é uma constante, além de queimadas que danificam o solo e impedem o curso natural dos animais existentes lá.

Alguns moradores praticam a piscicultura – criação de peixes, uma atividade ainda em expansão. O comércio local é composto por uma mercearia, uma farmácia, uma pizzaria, salão de beleza, *Lan house*, o Espaço Catetinho, destinado a eventos festivos, um haras, pequenos bares, e comércios nas próprias residências.

A população, mediante ações da comunidade escolar, tem um olhar atento às questões ambientais; entretanto, é imprescindível um olhar minucioso das autoridades para perceber o valor da região, pois com ações governamentais de proteção ambiental e histórica, a comunidade passa a ser reconhecida e valorizada.

Uma entrevista realizada por alunos do 1º ano do ensino médio em 20/10/2013, perguntou-se como um morador (Marcelo) enxergava o lugar, cujo tempo de residência havia nove anos, ele retrata o “lugar como tranquilo”, e “um dos melhores para se morar”, além de ressaltar as mudanças ocorridas na comunidade. Nesse sentido, Barbosa reflete que,

A consciência do passado torna-se um elemento importante do amor pelo lugar. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade em que os símbolos expressam valores, e a partir disso, criam uma memória comum voltada para uma simbologia, enaltecendo e classificando-a como o melhor lugar para se viver. (2008)

Em contrapartida, percebi a preocupação de alguns entrevistados no que tange às mudanças que descaracterizam a função inicial da comunidade, pois com o crescimento da população o lugar perdeu um pouco dessa tranquilidade mencionada acima, além do aumento desenfreado de construções nos lotes residenciais.

Descreveria o CAUB I, como um lugar “interiorano”, com um característico ar bucólico e romântico, de uma paisagem que embriaga aos admiradores da natureza e de boas companhias. As famílias se conhecem, se unem para conversar e apreciar o luar, com uma boa música acompanhada de violão.



Foto 6: Principais ruas do CAUB I

Fonte: <http://br.mapaworld.com/mapa/caub-i-nucleo-bandeirante-brasilia-df-brasil.html>

Acesso em: 01/11/2015

O respeito com a gente desse lugar, o respeito com a natureza do local! “O amor pelo lugar” permite que as pessoas possam refletir-lhe a importância deste, para a construção de sua história.

Posto assim, Calisto (2006, p.34) demonstra que “o lugar passa a ser visto como o recorte do espaço em que o indivíduo se encontra ambientado, e no qual está integrado. Ele, o lugar, é aceito como elemento essencial na construção do mundo dos sujeitos, com seus sentimentos e afeições”.

### 3.3 O CEDAGROURBANO: contexto histórico

*A escola precisa voltar-se para as novas realidades, ligar-se no mundo econômico, político, cultural, mas precisa ser um ponto de apoio contra a exclusão social. A luta por uma sociedade justa, uma sociedade com elevada consciência das possibilidades objetivas e subjetivas do homem como ser prático, que inclua a todos que passam pela escola e pelo trabalho dos professores. PPP, CEDAGROURBANO, 2015, p.06*





Foto 7: Interior do CED-AGROURBANO

Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/05/melhor-escola-publica-do-df-no-enem-aplica-ensino-medio-inovador.html>

Acesso em: 01/11/2015

O Centro Educacional Agrourbano Ipê nasce da preocupação dos moradores do Combinado Agrourbano de Brasília I (CAUB I) em ter um ambiente onde seus filhos e filhas tenham direito de adquirir os saberes necessários para sua prática social, cultural e política, conforme diz Figueira e Gioia,

A escola é uma instituição destinada a formar cidadãos, e não apenas fornecer informações e teorias. Deve oferecer uma base cultural comum a todos os alunos. Na escola os alunos formam suas identidades no âmbito individual e coletivo e estabelecem relações com diferentes grupos sociais. (2012, p.7)

A escola foi fundada em 1987, e tornou-se o centro de referência da comunidade. Segundo dados obtidos no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015, p.7) da instituição, o “prédio foi arquitetado nos moldes das casas do CAUB I. a Escola tinha um telhado colonial e oferecia ensinamentos desde a Educação Infantil à 8ª série do Ensino Fundamental”. Antes de sua construção, os estudantes frequentavam a Escola Classe Ipê, dificultando-lhes a acessibilidade, que próxima à UNIPAZ (Universidade Internacional da Paz).

A instituição sempre demonstrou respeito pela comunidade, e sua preocupação com a formação de sujeitos autônomos é refletida em suas ações e nos projetos abraçados pela comunidade escolar.

De acordo como o PPP (2015, p.7) a escola passa por uma reforma no ano de 1995, apoiada pela população local e visava à melhoria no atendimento de seus alunos, que devido ao tamanho do espaço não supria a demanda crescente a cada ano. E as transformações apontam,

Com a organização de pais, alunos e demais moradores, por meio do orçamento participativo, além da reforma e ampliação em 1995, a comunidade conquistou iluminação, em 1996. E o asfalto, em 1998 nas principais vias de acesso à escola, e também a conquista de linhas telefônicas para a mesma. Vale salientar que, mesmo antes das modificações, anteriormente citadas, o Agrourbano conseguiu, com muita dificuldade e sob pressão da própria comunidade e daquelas ao seu redor, ampliar seu atendimento oferecendo gradativamente o Ensino Médio, inclusive no turno noturno, que antes só atendia o Ensino Supletivo de 1ª a 4ª séries. (PPP, 2015, p.7)

Colaborativamente o Centro Educacional Agrourbano Ipê ganha corpo e vida. Respeito ao lugar e à comunidade, sempre presentes em suas propostas educativas, oferecendo uma educação que dá visibilidade à história local, confirmando Schmidt e Cainelli (2009, p.139) quando formalizam “o trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar a historicidade e a identidade dele”.

Assim, os jovens passam a valorizar o patrimônio no qual estão inseridos, observando as metamorfoses do lugar e provocando mudanças no modo de pensar e agir em detrimento com os espaços por eles ocupados.

### **3.4 CONHECENDO A ESCOLA: localização e dados escolares.**

O CED-AGROURBANO situa-se nas Granjas Ipê/Riacho Fundo – CAUB I – Riacho Fundo II. O acesso à instituição se dá pela DF 003 – Brasília/ Gama – Após o viaduto do Catetinho (O Catetinho foi à primeira residência do Presidente Juscelino Kubistchek em Brasília, nos dias atuais é um museu) a entrada após a primeira barreira eletrônica para chegar ao CAUB I. Recentemente foi construído um terminal do BRT (Bus Rapid Transit) em frente ao portal que dá acesso à comunidade, seguindo-se em linha reta logo se avista a escola.

Essa Unidade Pública de Ensino foi instituída pela portaria de Nº 035 de 19 de abril de 1995 da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, submetida à Coordenadoria de Ensino do Núcleo Bandeirante. Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, ofertando a Educação Básica, nas modalidades, fases e etapas:<sup>5</sup>

- Ensino Fundamental – Anos Iniciais- 2º Ciclo
- Primeiro Bloco – BIA (Bloco Inicial da Alfabetização)
- Segundo Bloco – 4º e 5º anos
- Ensino Fundamental – Anos Finais

---

<sup>5</sup>As informações pertinentes aos dados da Escola foram retiradas do Projeto Político Pedagógico de 2015.

- Ensino Médio
- EJA – 1º Segmento
- EJA – 2º Segmento
- Educação Integral/Programa Mais Educação (3º ao 9º ano).

Sua estrutura física compõe-se de: 09 (nove) salas de aula, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de Recurso para Altas Habilidades, 01 (um) refeitório, Sala da Direção, 02 (dois) banheiros para alunas e alunos, 02 (dois) banheiros para Pessoa com Deficiência, banheiros para professores, sala para professores, sala de coordenação, 01 (um) laboratório de informática, 01 (um) laboratório de ciências, cantina/cozinha, depósito de suprimentos, sala dos servidores, Secretaria, estacionamento, depósito pedagógico, depósito de limpeza, sala para reforço escolar. Não possui quadra esportiva, porém utiliza a quadra de esportes da comunidade.

Abrange alunos da comunidade e das proximidades como: CAUB II, Ponte Alta, Ipê e SMPW. É considerada uma escola de pequeno porte, mas com grandes projetos voltados para a conscientização e reconhecimento da história local e preservação do meio ambiente. Previsto no PPP da escola,

Desde o início de sua história, o Agrourbano desenvolveu atividades de reflexão sobre a preservação do Meio Ambiente, já que a escola está situada na microbacia do Ipê, próxima às nascentes. Esse trabalho teve um destaque especial em 1995, quando aconteceu a produção de um filme educativo sobre a água, exposto na 1ª Bienal da água naquele ano. Muitas outras ações foram implementadas durante vários anos, tais como mutirões de limpeza, cursos de agentes ambientais e mobilização da comunidade para aprovação da lei que transformou a área das nascentes, da microbacia do Ipê, em Área de Relevante Interesse Ecológico. (2015, p.8)

È perceptível a preocupação da escola em motivar os alunos sobre os cuidados e manutenção do local em que vivem ocorre desde 1995, pois trabalha em prol da preservação da área ecológica que pertence à comunidade.

Face à metodologia de projetos, que oferece resultados positivos para a comunidade escolar, deu-se seguimento no ano de 2003 com o Projeto 1º Arte em Festa, no intuito de promover novos talentos. No ano de 2004 abordou diversos temas, contando com a participação da comunidade sobre a realidade escolar, enfatizando os pontos que poderiam ser transformados. Em 2005, desenvolveu vários projetos de cunho interdisciplinar, cujos títulos: “A trajetória do ser humano no planeta terra”, “Ser humano mais humano”, transformaram-se em reflexões relevantes sobre os acontecimentos referentes à comunidade, ao Brasil e o mundo.



Até aqui percebemos que o CED-AGROURBANO disponibiliza formas variadas de letramentos, uma vez que esse conceito abarca diversas maneiras de enxergar as leituras de mundo. Assim em 2006 a instituição elaborou um projeto voltado para o incentivo à leitura, em que foram desenvolvidas atividades como “Café literário”, “A carta” e “Ler também é uma paixão”, e os alunos, mediados pelos professores, ofereceram uma gama de textos visuais e escritos. No ano de 2007 foram realizados os projetos: “Horta Educativa”, “Noite literária”, “Nossa história com a Legião Urbana”. Em 2008 foi à vez de trabalhar com a valorização e promoção da cultura afro-brasileira, demonstradas nos projetos “Reencontros” e “Afro-brasilidades”. Já em 2010 a temática do projeto voltou-se para a comemoração dos 50 anos de aniversário da capital do Brasil, Brasília, cujo projeto era Patrimônio de Brasília. Segundo o PPP da escola, essa temática se faz importante, pois,

Compreende-se que a preservação de todo e qualquer patrimônio deve-se ao valor que se dá ao bem, seja material ou imaterial. Logo, para valorizar é preciso conhecer. Respeita-se o que se conhece. Com o projeto “Patrimônio de Brasília” a equipe do CED Agrourbano volta-se para a educação patrimonial como meio para o conhecimento e reconhecimento dos valores humano, artístico, histórico, cultural e natural de Brasília. (2015, p.11-12)

Como bem observamos há um cuidado especial em abordar temáticas diversas, e essa metodologia faz o aluno refletir e atuar, pois esse é um dos papéis da escola: desafiar seus alunos. Ainda no PPP a escola demonstra o quanto é importante oferecer aos discentes ferramentas para que realizem um trabalho priorizando a prática da cidadania. Assim,

Foi dada a palavra ao pesquisador, ao jornalista, à gente comum, às impressões de quem vive na cidade. Enfim, foi dada a palavra ao aluno. No projeto Patrimônio de Brasília, a equipe pedagógica do CED Agrourbano optou por contar esta história de uma ótica particular e com uma lente especial que observa o passado e o presente da capital, por onde passam as origens da cidade, seu povo, sua arquitetura, suas manifestações culturais, sua geografia e produção artística. O que escapou dessa lente chama-se outras histórias. Que podem e devem ser contadas num outro momento. (2015, p.12)

Observa-se um sentimento de amor pelo ato de ensinar, uma preocupação pela aprendizagem significativa dos estudantes e, à vista disso, Matencio (1994, p.15-16) nos adverte que “a vida está dentro e fora da escola”. E, frequentemente, o aprendizado fora dos limites da instituição escolar é-lhe muito mais motivador, conquanto a linguagem da escola nem sempre é a do aluno.

Reportando a 2010, com o advento do Projeto Ensino Médio Inovador, a escola realizou o projeto “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?”, criando um Guia contendo informações sobre: o contexto sócio-histórico da comunidade e da escola, a fauna e flora

local, arrolando as áreas de preservação e suas potencialidades ecológicas, as atividades agrícolas, comerciais e as voltadas ao ecoturismo realizadas no CAUB I. Nesse segmento,

A partir de 2010 o CED Agrourbano passa a integrar o programa **Escolas Sustentáveis**. A temática da sustentabilidade presente nos projetos de 2010 chamou a atenção da Secretaria de Educação que indicou a escola para o programa. Além dos temas da sustentabilidade, os projetos de 2010 trouxeram à tona a cultura local, incluindo as formas de trabalho e de renda existentes na comunidade do CAUB I. Foi um resgate da história “**agro**” e “**urbana**”. O trabalho ressaltou a vocação agrícola ainda existente na comunidade como também o potencial do patrimônio natural que deve ser preservado. (PPP, 2015, p.23)

Prosseguindo, em 2011 a escola realizou uma série de atividades pedagógicas, em que valoriza a preservação do meio ambiente o local. Este projeto, dando continuidade ao anterior, batizado “Para onde vamos? – Água, lixo e energia. Aqui houve uma ação da comunidade em forma de ato público, além do plantio de árvores nas proximidades da escola.

Em 2012, levanta a reflexão das condições de vida de seus alunos abordando o tema “Qualidade de vida também é missão da escola”.

O ano de 2013, quando tive o prazer em fazer parte do corpo docente da escola, desenvolveu-se o projeto “Cidadania, Cultura e Trabalho”, pela professora Valdete Francisca<sup>6</sup> (Artes), os professores Anderson (Sociologia e filosofia) e eu (história) quando realizamos um trabalho conjunto, abordando a temática: Patrimônio Cultural, Ambiental e Histórico. Desenvolvemos atividades diversas. Discutimos em momentos diferentes, conceitos sobre tombamento, memória, Patrimônio e suas classificações, preservação, dentre outros. Após as discussões dividimos a turma em equipes de cinco alunos, em que cada grupo se responsabilizou por pesquisar uma temática, montar um trabalho e apresentá-lo no evento de culminância, que ocorreu nos dias 07 e 08 de novembro de 2013.

Contamos com a visita guiada ao Museu do Catetinho e também com uma aula na Mesa JK e ARIE, ministrada pelo professor Anderson – residente no CAUB I, militante das causas sócio-ambientais dentro da comunidade – quando se explicou a importância da preservação da região. Cabe ressaltar que alguns alunos não conheciam a área explorada, ficando encantados com tamanha beleza próxima à sua realidade.

A partir do trabalho em campo, eles puderam elencar várias informações tais como: medições da Mesa JK, se existem e como poderiam atuar os órgãos governamentais para a

---

<sup>6</sup> A professora trabalha no CEDAGROURBANO há mais de dez anos, tem um amor pelo lugar e pela profissão que exerce com tamanha responsabilidade e respeito.

proteção da ARIE, além de pesquisar que instrumentos legais são responsáveis pelo tombamento da Mesa JK.



Foto 8: Mesa JK  
Fonte: L. V (aluna), arquivo pessoal  
Data: 23/09/2013

Partindo dos estudos e informações adquiridas, os alunos puderam construir e aplicar entrevistas na comunidade, questionando sobre o conhecimento da ARIE e da Mesa JK. Ao entrevistar, eles discutiam a importância de ações preservacionistas como o tombamento da Mesa JK, e um aparato legal para a preservação da ARIE, que sofreram ações do tempo e humanas.



Foto 9: Foto de Satélite da ARIE Granja do Ipê  
Fonte: <https://www.google.com.br/maps/search/+arie+granja+do+ipe+df/@-15.9344187,-48.0220829,5901m/data=!3m1!1e3>  
Acessado em: 17/10/2015

Observou-se nas entrevistas, que boa parte desconhecia esses patrimônios, apesar de residirem na comunidade há anos. Uma das questões se referia ao conhecimento sobre a história do local, e muitos não sabiam de sua existência. Uma moradora refere que conheceu a história durante essa entrevista que o filho realizou. Informou-se, ainda, que a escola

desenvolve projetos direcionados ao tombamento e preservação da região, e a mesma entrevistada relatou que “é um trabalho muito bom, acho que tem que fazer isso o quanto antes, porque pessoas de outras cidades vêm para o CAUB I depredar a Mesa, sujar a ARIE, poderia cercar a área e colocar pessoas para vigiar”.

Desde que a moradora tomou conhecimento da importância de sua comunidade, passou a ter preocupação. Esse resultado foi muito significativo para os alunos, pois perceberam que suas ações contribuíram para o fortalecimento da proposta do projeto, que se fez na perspectiva de levar conhecimento e respeito ao lugar. Noutra entrevista, a moradora (Gedilene) relatou a importância desses patrimônios para comunidade, apontando que a ARIE e a Mesa JK,

São importantes para toda comunidade do DF. Já que tem o objetivo de preservar os mananciais existentes na área. Todo DF perde se o patrimônio não for preservado. E o tombamento da Mesa vai contribuir para a preservação, além de chamar atenção para o seu valor histórico.

Outro fator que chamou atenção foi o fato que a entrevistada elencou a dificuldade nos meios de acessibilidade aos locais que é deficiente, possuindo apenas algumas placas indicativas. Uma vez os órgãos competentes tomando conhecimento, poderiam dar visibilidade aos patrimônios e estabelecer ações de preservação.

Os estudantes também construíram uma Iniciativa Civil Pública direcionada aos órgãos governamentais,

[...] Lamentamos com a mesma profundidade o descaso e o descompromisso das Autoridades Governamentais com este Patrimônio. Estamos abertos e reunimos nossos esforços no sentido de reivindicar do Estado o cumprimento de seu dever legal e administrativo, que é, neste momento, tomba a Mesa JK como Patrimônio e Cultural de Brasília. Além disso, fornecer os subsídios de segurança ostensiva para que esta iniciativa se concretize de um modo satisfatório a fim de que as futuras gerações possam usufruir deste presente que JK deu como herança à comunidade do CAUB I, de Brasília, do Brasil e de todo mundo. Nestes termos solicitamos ao IPHAN, ao IBRAM e à Secretaria de Cultura do DF medidas urgentes para esta proposta [...] (CAUB I, 08 de outubro de 2013)

Além de um abaixo-assinado para o

Tombamento imediato da Mesa JK, situada na ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico) Granja do Ipê, como Patrimônio Histórico e Cultural de Brasília, bem como a ostensiva vigília da Companhia de Polícia Militar Ambiental do DF a fim de salvaguardar a segurança desse Patrimônio. (CAUB I, 08 de outubro de 2013)

Como observado, o projeto do ano de 2013 foi satisfatório, pois professores, alunos, direção escolar, comunidade, todos com objetivos comuns, isto é, preservar o local social, torná-lo conhecido e valorizado, para que as futuras gerações pudessem usufruir destes espaços com responsabilidade. Nesse sentido, a aluna L. V. (29/10/2013) nos relata que “essas atividades incentivam nós, alunos, a aprendermos e conhecermos um pouco mais. Com nosso conhecimento podemos incentivar os moradores a preservarem a Mesa JK e a ARIE”. Já a aluna F. L. elenca a importância dos projetos da escola,

Durante muito tempo, a comunidade escolar vem lutando para a preservação daquela área. Para isso, a escola tem realizado projetos, com caminhadas, palestras, que tratam do assunto. Com o apoio da escola e da comunidade que aqui reside, nós conseguiremos a preservação e o reconhecimento desse patrimônio, chamado Mesa JK. (31/10/2013)

À proporção que o aluno toma conhecimento de algum objeto, de pessoas e de hábitos sociais, passa a respeitá-lo, e esse cuidado foi observado nos relatos das alunas, porque o papel da escola é formar sujeitos autônomos de seu conhecimento, e tal autonomia adquire-se com ações pedagógicas que demonstraram o quão é necessário conhecer o lugar social onde se ocupa, para que assim se possa entender as relações cotidianas e respeitá-las de modo que sejam atribuídos valores significativos para a construção da história do lugar.

Cabe ressaltar que todo o trabalho realizado naquele ano encontra-se disponível em portfólios produzidos pelos alunos e arquivados pela professora Valdete Francisca, que o considera de suma importância para contar a história da escola e comunidade, não podendo perdê-lo, por fazer parte de um dos muitos momentos em que a educação escolar assume de fato seu papel, que é o de transformar uma temática em uma aprendizagem significativa.



Foto 10: Ilustração da Mesa JK produzida por aluno.

Data: 13/09/2013

Fonte: Portfólios arquivados pela professora Valdete Francisca

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS PROFESSORES

*A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.*

**Paulo Freire**

Conversando com os professores citados na pesquisa, percebi que suas contribuições são grandiosas, seus papéis enquanto mediadores do saber nos levam a refletir quão importante é compromisso com a relação ensino-aprendizagem, uma vez que permitem aos alunos construir seu conhecimento sentido-se parte essencial do processo sócio-histórico.

A primeira pergunta elencada na entrevista faz referência à importância do espaço escolar para o CAUB I, em que percebi que os professores atribuem valores significativos para a instituição, destacam sua importância como sendo o “centro da comunidade”. Para a professora Valdete Francisca a “escola é um espaço de formação, incentivo e produção cultural, além de ser referência para a comunidade”. Desta forma percebe-se que a escola tem papel significativo, cuja instituição valoriza sem excluir as características peculiares de sua comunidade.

Face às ações desenvolvidas nos projetos e observadas no capítulo anterior, o Centro Educacional Agroubano Ipê, destaca-se pelos espaços que aproveita, vez que os desenvolve considerando questões presentes na comunidade do Caub I, além de seguir os parâmetros educacionais. Para a professora Maria<sup>7</sup>, os projetos abordam “diferentes conteúdos, desenvolve habilidades como iniciativas, autonomia e criatividade”. Com isso a metodologia de projetos favorece ao educando encontrar caminhos para o conhecimento, que lhe possibilite atuar criticamente na sociedade. Quanto à importância deles para a aprendizagem, o professor Anderson destaca que “oportuniza ocasião para revelar capacidades que não seriam visíveis ou aferíveis”, ou seja, os alunos têm a oportunidade de colocar em prática toda teoria mediada dentro do contexto da sala de aula, conforme ressalta a professora Valdete “busca-se desenvolver a capacidade de análise crítica e aplicação do aprendizado”.

É perceptível a preocupação dos professores em proporcionar aos alunos um ambiente onde a teoria e prática estão vinculadas, isto é, criam-se possibilidades para que eles apliquem o conhecimento em seu contexto social.

---

<sup>7</sup> A professora Maria, foi aluna da escola, e hoje faz parte do corpo docente.

Outro fator observado foi à associação dos conteúdos às temáticas dos projetos. Em suma, as temáticas estão voltadas para questões do patrimônio ambiental e histórico de modo interdisciplinar. Os professores agregam aos seus conteúdos os saberes teóricos com as práticas do cotidiano. Assim, é necessário destacar o ganho com essa relação, aprender de modo vinculado, podendo intervir na realidade em que vive.

Para que professores compreendam a importância de um determinado local é necessário conhecê-lo, e a partir daí apropriar-se do conhecimento tecendo relações com sua prática pedagógica. É fácil reconhecer que os professores entrevistados possuem extensa carga de saberes sobre os objetos de estudos destacando-os nos projetos; ou seja, a ARIE e a Mesa JK. Sobre as fontes de estudo, os professores destacam-nas como “referência da identidade local”. Para o professor Anderson “sem história não se constrói consciência”. Já o educador Leonardo atribui importância da ARIE como uma “ótima fonte de estudos por reunir várias *fitofisnomias* do cerrado, fauna e também pelo caráter histórico e cultural”, e alerta sobre a preservação destes espaços, “não podemos admitir que a expansão urbana destrua esse patrimônio ecológico, histórico e cultural”.

Isso demonstra o envolvimento desses profissionais com a questão da educação patrimonial, pois é um compromisso muito sério devendo ser refletido em todo o contexto escolar, pois se trata de uma prática voltada para a construção da cidadania. Sobre esse ponto de vista, Figueira e Gioia refere que

Só por meio da educação patrimonial será possível levar os alunos a compreender que os bens culturais e naturais são uma riqueza da humanidade a ser preservada e valorizada e, assim, torná-los aptos a praticar à cidadania por meio de atitudes de respeito ao patrimônio. Destarte, pela via educativa, poderemos fazer desaparecer os cenários de depredação, intolerância e indiferença para com nossa riqueza cultural. (2012, p.72)

Ressalta-se que a valorização do patrimônio local onde comunidade escolar tem consciência desse trabalho de empoderamento, de uma ação educativa que leva os aprendizes a se perceberem sujeitos históricos e sociais, partícipes um todo e que podem transformar o mundo a sua volta, sem perder de vista o respeito às diferenças.

Uma ação pedagógica focada no trabalho voltada para projetos, também oferece desafios, cabendo ao professor a criação estratégias que propiciem o estabelecimento de relações entre teoria e prática. A metodologia tradicional, ainda presente em boa parte das escolas, desfavorece uma prática pedagógica visando à emancipação de seu alunado. Em contrapartida, esses atores se afastam da possibilidade de enxergar a escola como um ambiente que nada lhe acrescenta de bom.

Neste caso, os regentes devem analisar e buscar soluções para que a aprendizagem significativa e próxima da realidade de seus alunos. É uma tarefa árdua, pois a realidade escolar, com ambientes desproporcionais, não favorece que o conhecimento escolar seja bem aproveitado e interligado com as práticas cotidianas destes.

Destarte, o Centro Educacional Agrourbano Ipê, favorece ações pedagógicas enaltecendo a realidade local, formando cidadão crítico e construtor de conhecimento por meio de práticas que intensificam suas relações com o espaço onde habita. Cria sentimentos de pertencimento, que são valores importantes e contribuem para a formação de identidade cultural e social.

#### **4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS ALUNOS (AS)**

*Devemos manter a memória do lugar onde vivemos, preservando as histórias e os patrimônios.*  
**Aluna M., junho, 2015.**

Com base na análise dos dados, dos 25 alunos que responderam 13, 52% residem no Combinado Agrourbano de Brasília I. Esse fato deve-se a demanda do atendimento às localidades vizinhas. Entretanto, a maioria deles fez parte dos projetos durante o ensino médio. Questionados se consideram o Caub I rural ou urbano, 19,76% declararam-no rural, apesar de a localidade ter adotado características urbanas. O imaginário da população ainda considera a presença da agricultura familiar e outras plantações nas chácaras existentes. Também nas questões objetivas, os alunos informaram que as áreas de lazer correspondem a espaços como quadra de esporte, parquinho, Campo de futebol, Ponto de Encontro Comunitário (PEC), restaurante, pizzeria, visto numa perspectiva urbana, podendo aproveitar ainda as trilhas, a Mesa JK, cachoeiras dentro da Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE). Aqui se percebe que eles têm conhecimento do local onde moram, visto que o descrevem sob a visão peculiar que se tem do lugar.





Foto 11: Trilha que leva à Mesa JK e ao Córrego do Capão Preto, situados na ARIE.

Fonte: Arquivo pessoal

Data: 13/09/2013

Quanto às questões subjetivas, perguntou-se sobre a importância da escola para comunidade. Obteve-se como resposta da maioria a atribuição de valores significativos, alegando que a instituição é ponto de referência, por se encontrar no centro do Caub I. Para a aluna M. “a escola é de extrema importância dentro da comunidade, pois dar visibilidade e contribui para a preservação da mesma”.

A escola realiza um trabalho envolvente, tornando-a ponto principal no desenvolvimento da comunidade do Caub I, porque recebe crianças, jovens e adultos influenciando-os na e para construção de sentimentos de pertencimento, “a escola dentro da comunidade atribui um importante papel para o desenvolvimento educacional dos moradores”. (Aluno-PH, junho, 2015)

O trabalho consoante com os sujeitos que recebe, conscientizando sobre a preservação reverbera em toda comunidade. Entretanto, percebi nos textos, o alerta de alguns alunos à população quanto à utilização dos espaços como a Mesa JK e a ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico). A aluna R. C. declara:

Alguns moradores vão aos locais e não tem cuidado em preservar o ambiente, sendo que estes fazem uso das águas das nascentes para irrigação, entre outras práticas, e não pensam nas consequências futuras, pois se não houver preservação, a fauna e a flora, e as espécies em extinção irão sofrer com este uso inadequado do lugar. (2013)

Esse alerta é detectado em toda leitura das entrevistas. Os jovens, por participarem de projetos na escola, aprenderam que sua comunidade tem muito valor e que deve ser protegida, além do mais são esses elementos que constituem a história do lugar.

Outro fator constatado aconteceu perante o questionamento à associação dos conteúdos programáticos com as temáticas dos projetos. Os discentes relatam que é de suma importância estabelecer um parâmetro entre a teoria e a prática. A aluna S. considera importante essa associação, porque resulta no “cultivo de conhecimento, e quando saímos da escola para a ARIE, conseguimos colocar em prática a teoria que aprendemos dentro da sala de aula”. Em Figueira e Gioia temos:

O educador Paulo Freire defendia que a principal tarefa de um educador é ensinar os alunos a “ler” o mundo, a compreendê-lo e a desenvolver senso crítico para interagir em sua sociedade e melhorá-la. Para tanto, a interlocução entre professor e alunos deve ser profunda e dinâmica, evidenciando a questão de identidade cultural. A prática educativa deve se pautar na solidariedade social e política e basear-se nos conceitos de autonomia e de respeito aos saberes em circulação, tanto dentro quanto fora dos muros escolares. (2012, p.68)

Contrapondo-se, há relatos considerando que tais assuntos não ajudarão no futuro, principalmente na vida profissional, mas que na realidade, esses projetos alertam à comunidade para os cuidados com o espaço ocupado. Na prática, mesmo que esse trabalho não consiga atingir a todos no sentido do pertencimento do local social, fará com que alguns alunos repensem sua trajetória profissional, considerando que a escola é um espaço de formação intelectual e necessária para a escolha de que caminhos devam seguir.

Interessante perceber como a escola está presente nas falas, pois os relatos apontam que os projetos desenvolvidos levam à comunidade a (re) conhecer a história local e que seus membros sentem-se importantes nessa construção de identidade social. Nisso o aluno B. ressalta que a “escola é um meio dos moradores poderem ter acesso ao conhecimento, e tem a importância de qualificar o indivíduo para ter uma vida melhor”. Ou seja, a escola exercendo o seu papel de fato, apropria-se do conhecimento que o aluno possui, induzindo-o a produzir outros, dispondo de ambientes de aprendizagem, e valorizando a cultura local.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa proporcionou reflexões fundamentais sobre a realização de um trabalho comprometido com a ascensão social do aluno. Quando uma escola mostra interesse em discutir aspectos do cotidiano do seu aluno, agregando valores para a cultura local, ela está apta para ser uma escola modelo, pois é fonte de conhecimento e não de exclusão.

Como pressuposto, contei com a análise de entrevistas realizadas com professores e alunos, bem como, o respectivo resultado de trabalhos desenvolvidos por esse elenco em projetos apresentados.

O Centro Educacional Agroubano Ipê, apresenta problemas físicos estruturais, pois dispõe de espaço limitado para a demanda imensa de clientela, o que dificulta o desenvolvimento das atividades porque superlota a sala de aula e inviabiliza a realização de um trabalho ideal. Há uma preocupação perceptível da gestão escolar relativa ao trabalho dos professores, que atendem alunos do 6º ano do ensino fundamental 3º ano do ensino médio; composto de público diferente que necessita de atendimento diferenciado, tornando desgastante o trabalho do educador.

Apesar das dificuldades, a instituição enfrenta e desenvolve excelente trabalho de conscientização nas questões de preservação do patrimônio ambiental e histórico. Assim, a execução de projetos é uma ferramenta importante que se soma ao currículo, já que os alunos são os seus principais agentes, porque interagem diretamente na sua construção, de modo que se apropriam de conhecimentos.

O trabalho da escola aponta metodologias que podem ser modelo, como é o caso da proposta de educação patrimonial, apresentada como ferramenta de ensino se agregada ao currículo, pois propicia ao aluno o estudo de sua realidade, enriquece o conhecimento, e coloca o sujeito como transformador do ambiente onde está inserido.

Esse incentivo da preservação do patrimônio natural e histórico oferecido pela escola é uma prática recorrente e instigada desde 1995; entretanto, para que as propostas frutifiquem faz-se necessário que o corpo docente tenha compromisso e respeito com as peculiaridades da clientela atendida, bem como, manter uma formação continuada, visando atender à diversidade da demanda inserida no contexto escolar. Aqui reside o comprometimento com a arte de ensinar, conforme prega Freire (1996, p.47) “saber ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Considerando isso, professores devem propor, em seu planejamento

pedagógico, possibilidades para que seus educandos construam o próprio saber apropriando-se de conhecimentos constituintes de novos saberes.

Quanto ao letramento no ensino de história, pude perceber, ainda, que se constitui um desafio, mas que o professor dispõe de uma gama de ferramentas a utilizar em e fora da sala de aula; pois as leituras de mundo estão em toda parte: seja na fala de um morador que nos induz a refletir o mundo vivido, seja no objeto que tenha um valor simbólico carregado de sentimentos narrativos da trajetória de um determinado lugar. Pensando assim, uma das contribuições desse trabalho é inferir o papel social do leitor, e aos professores, a incansável reciclagem da formação, adaptando-se às demandas impostas pela tecnologia e o avanço social.

Almejo que exemplos assim incentivem outras comunidades escolares, reconhecendo que aprender transcende os muros da escola. Que as múltiplas linguagens: oralidade, produção de textos, vídeos, desenhos e imagens invadam todos os espaços, exigindo apenas sensibilidade para enxergá-las.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O historiador naïf ou a análise historiográfica como prática de excomunhão.** In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Estudos sobre a escrita da história.** Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2006.

BARBOSA, Letícia Maria. **Topofilia, Memória e Identidade na Vila do IAPI em Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFRGS, 2008.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de história, memória e história local.** Disponível em [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia\\_artigos/barros.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf) Acessado em: 20/09/2015

BORTONE, Marcia Elizabeth. **Contribuições da Sociolinguística Educacional ao Processo de Letramento no Ensino Fundamental.** Publicado em: O ensino da língua portuguesa na contemporaneidade em diferentes perspectivas, 2014, p.37-54.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acessado em: 25/09/2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALISTO, Cristiano de Souza. **O ambiente como mundo vivido: uma abordagem do espaço segundo a geografia humanística.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2006.

DELGAGO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOURADO, Ana Clara Gonçalves. **As transformações na ocupação e utilização do solo no Combinado Agroubano de Brasília I (Brasil).** Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011. ISSN-2115-2563.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis; GIOIA, Lilian de Cássia de. **Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas.** – São Paulo: Edições SM, 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. São Paulo: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte, 1ª ed.: Dimensão, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIROUX, Henry & SIMOM, Roger. **Cultura Popular e Pedagogia Crítica: A Vida Cotidiana Como Base Para O Conhecimento Curricular**. In: MOREIRA, Antônio F. B. e Silva, Tomaz Tadeu (orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

GOUBERT, Pierre. **História Local – Por Uma História Democrática**. Rio de Janeiro. Revista Arrabaldes, n. 1, maio/ago, 1988.

HACK, Édina Francini Simão. **Entre o ensino de História e a educação patrimonial: em busca da investigação de bens culturais locais**. Revista Confluências Culturais. Vol. 2 , n. 1, março de 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: **Os significados do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexão sobre o processo de letramento**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.

PENTEADO, Heloisa D. **Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas**. São Paulo: Cartaz Editora, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, v.5, n.10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, 1992.

Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Agrourbano, 2015.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos, multilinguagens, novas aprendizagens (2013)** Disponível em [http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80:entrevista-com-roxane-rojo-multiletramentos-multilinguagens-e-aprendizagens&catid=8:publicacoes&Itemid=19](http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=80:entrevista-com-roxane-rojo-multiletramentos-multilinguagens-e-aprendizagens&catid=8:publicacoes&Itemid=19) Acessado em: 01/11/2015

SAMPAIO, Lucimar Pinheiro da Silva. **A construção dos sentidos por meio de canções no contexto educacional**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília, 2008.

SANTOS, Vinicius Teixeira. **Letramento em História**. Revista Espaço Acadêmico, nº 90, Novembro de 2008. Disponível em: <HTTP://www.espacoacademico.com.br/090/90santos.pdf> Acessado em: 18/09/2015

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. 2º ed. São Paulo: Editora Scipione, 2009. Coleção Pensamento e Ação em Sala de aula.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ler, verbo transitivo**. Disponível em: [www.leiabrasil.org.br/doc/leiaecomente/verbo\\_transitivo.doc](http://www.leiabrasil.org.br/doc/leiaecomente/verbo_transitivo.doc) Acesso em: 26/09/2015

\_\_\_\_\_. **O que é letramento**. Diário do Grande ABC – Santo André: 2003. Disponível em: <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf> Acesso em: 26/09/2015

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS (AS) DO ENSINO MÉDIO.

1. Nome (opcional): \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Qual seu gênero?

FEMININO ( ) MASCULINO ( )

4. Você mora na comunidade?

SIM ( ) NÃO ( ) De onde veio: \_\_\_\_\_

5. Você considera o CAUB I rural ou urbano? \_\_\_\_\_

6. Você conhece a história desse lugar?

SIM ( ) NÃO ( )

7. Quantas famílias moram na comunidade?

DE 20 A 30 ( ) ACIMA DE 30 ( ) NÃO SABE ( )

8. Sabe informar quais são as principais atividades sócio-econômicas do lugar?

SIM ( ) NÃO ( )

QUAIS?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. Há áreas de lazer para a comunidade?

SIM ( ) NÃO ( )

QUAIS? \_\_\_\_\_

10. Que importância você atribui à escola dentro da comunidade?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

11. Você participou de algum projeto dentro da escola? Descreva com título, desenvolvimento e importância para sua aprendizagem.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

12. Os professores associam os conteúdos com a temática dos projetos? Você acha importante? Justifique.



---

---

---

13. Conhece a ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico) e a Mesa JK?  
Considera fonte de estudo? Por quê?

---

---

---

14. Com sua participação no projeto, o que aprendeu?

---

---

Agradeço a sua participação e atenção.  
Francijane Lima dos Santos

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO.

1. Nome (opcional): \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Qual a sua área de formação e atuação?

---

4. Há quanto tempo leciona nesta Instituição? \_\_\_\_\_

5. Você considera o CAUB I rural ou urbano? \_\_\_\_\_

6. Você conhece a história desse lugar?

SIM ( ) NÃO ( )

7. Que importância você atribui à escola dentro da comunidade?

---

---

---

8. Como são desenvolvidos os projetos na escola? Que metodologias são utilizadas?

---

---

---

---

9. Você considera importante/significativa a aprendizagem desenvolvida nos projetos? Justifique.

---

---

---

10. Os conteúdos de sua disciplina são associados com os projetos desenvolvidos pela escola? De que forma?

---

---

---

---

11. Conhece a ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico) e a Mesa JK? Considera fonte de estudo para os (as) alunos (as)? Por quê?

---

---

---

12. Com sua participação no projeto, o que aprendeu?

---

---

---

**Agradeço a sua participação e atenção.**  
Francijane Lima dos Santos